



Peregrinação de Abril, 13

No dia 12 à tarde, chegou, como de costume, à Cova da Iria, a peregrinação paroquial da freguesia do Socorro, de Lisboa.

Esta peregrinação, organizada e dirigida pelo respectivo pároco, rev. P. João Filipe dos Reis, levou aos pés da Santíssima Virgem, no seu Santuário nacional, cerca de sessenta pessoas.

Este grupo, juntamente com os numerosos peregrinos isolados, vindos de véspera e que a êle se associaram, realizou a procissão das velas que teve o seu início às 22 horas e meia e que decorreu com a maior ordem e compostura, edificando sobremaneira a piedade com que todos rezaram e cantaram os louvores de Nossa Senhora.

A meia noite começou a adoração nocturna do Santíssimo Sacramento. Desde essa hora até às 6, recitaram-se os três terços do Rosário, intercalados com outras orações e com diversos cânticos eucarísticos.

Dada a bênção com a Sagrada Custódia, principiou a Missa que foi celebrada pelo rev. pároco e a que comungaram quasi todos os paroquianos.

Também no dia 12 à tarde chegou ao local das aparições Mons. Francisco Esteves, prior de S. Vicente de Fora, com um numeroso grupo de crianças da Cruzada Eucarística e Filhas de Maria.

O dia 13 apresentou-se cheio da luz dum sol primaveril com pequenos farrapos de nuvens que uma leve aragem fresca e áspera fazia correr no firmamento.

O concurso de peregrinos foi relativamente deminuto em virtude dos trabalhos agrícolas próprios da época.

O rev. dr. Marques dos Santos presidiu à recitação do terço na capelinha das aparições, efectuando-se em seguida a primeira procissão com a venerada Imagem de Nossa Senhora da Fátima.

Celebrou a Missa dos doentes o rev. P. António dos Santos Alves, prior da freguesia das Cortes, da diocese de Leiria.

Ao Evangelho subiu ao púlpito o rev. dr. Gustavo de Almeida,

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos / Empresa Editora: «União Gráfica» — R. de Santa Marta, 158-Lisboa / Administrador: P. António dos Reis

O dia do Senhor

Dentre os preceitos da Lei de Deus há um para o qual desejo especialmente chamar a vossa atenção. É o terceiro que se formula assim: *Santificar os Domingos e demais dias de Preceito.*

Este mandamento é de tal importância que nos aparece preceituado logo nas primeiras páginas da S. Escritura e foi promulgado solenemente no alto do Monte Sinai por Deus a Moisés.

E quando o povo hebreu, esquecendo as ordens do Senhor, desprezava os sábados, era castigado inexoravelmente. Essa não observância foi um dos motivos do cativeiro de Babilónia a que o povo esteve sujeito nas maiores humilhações durante 60 anos.

Na Lei Nova conserva-se o descanso semanal visto ser preceito de Deus, mas mudou-se para o primeiro dia da semana, em memória da Ressurreição do Senhor.

O Domingo é pois o dia do Senhor por excelência.

Neste dia estamos obrigados: 1.º — a assistir à Santa Missa. 2.º — a abster-nos das obras chamadas servis, isto é, pesadas, que antigamente eram feitas pelos escravos.

A assistência à Santa Missa é o primeiro meio de santificação do Domingo; o segundo, isto é, a abstenção das obras servis tem em vista proporcionar ao corpo o devido descanso, porque nós não somos máquinas mas pessoas compostas de alma e corpo.

Este o motivo porque, nas grandes nações e até as mais adiantadas materialmente, o descanso é ao Domingo, e esse descanso é observado e imposto pelas leis com todo o rigor.

Também as grandes cidades, os grandes centros de população e trabalho em Portugal observam o descanso ao Domingo.

Esta observância é perfeitamente uma característica da nacionalidade portuguesa.

Antigamente e ainda hoje em muitas terras os mercados e

feiras em dias fixos no mês passavam e passam para o primeiro dia útil.

Dizia o Senhor: — Se não observardes os meus preceitos, visitar-vos-ei pela pobreza; é em vão que vós semeareis porque o inimigo devorará as vossas cearas. O céu será de ferro e a terra de bronze (Lev. 36).

Por mim não conheço terra nenhuma onde se trabalhe ao domingo, que progrida mesmo materialmente e se desenvolva; não conheço família nenhuma que despreze o domingo, que viva bem.

É que o homem que trabalha ao Domingo, materializa-se como a máquina que usa, como a terra que cultiva.

É que quem trabalha publicamente aos Domingos e dias santos ofende a Deus no culto público que lhe é devido, escandaliza e incita os outros ao não cumprimento deste preceito tão grave.

Como é que o Pai há-de exigir o respeito e obediência que os filhos lhe devem, se é o primeiro a desobedecer ao Senhor Supremo que é o Pai de todos nós?

Como é que há-de haver a união entre os membros da família, se eles, divididos pelo trabalho e suas ocupações não têm convivência?

A actual legislação portuguesa, seguindo os processos dos outros países, determina no Estatuto do Trabalho Nacional:

Art.º 26.º — O trabalhador da agricultura, indústria e comércio tem direito a um dia de descanso por semana, que só excepcionalmente e por motivos fundamentados pode deixar de ser o Domingo.

§ 1.º — As exigências dos serviços serão quanto possível harmonizadas com o respeito dos feriados civis e religiosos observados pelas localidades.

No decreto lei n.º 24.402 determina-se:

Art.º 16.º — O pessoal dos es-

Palavras mansas

Próprio do tempo

Prosa de férias, comodista e pachorrenta. O próprio ar que se respira, fortemente saturado de seiva esparsa em aromas, diminui, quebranta e entorpece. Pensa-se, porque é preciso pensar, escreve-se por dever de officio.

É muito mais interessante ver negas de céu azul, ermidas brancas, campos floridos, arvoredos renovados e cascatas espumantes.

A produção literária resente-se do curso das estações — vigorosa e concisa no inverno, exuberante no verão, melancólica no outono, hesitante, lenta, preguiçosa na primavera.

O tempo continua incerto, como a vida do mundo contemporânea. O vento tem fases de grande e impenetrável actividade, como a diplomacia europeia.

Passam frequentemente pelo céu nuvens e nuvens que envolvem os cabeços da serra numa tristeza severa e contagiosa. Não se olha demoradamente para lá sem que tôdas as penas e saudades antigas acordem dentro de nós...

Mas quando o sol, a espaços, brilha plenamente no céu, que cenário de maravilha! Molhados ainda, os fraguados lisos das encostas, dão a distância, a ilusão de geleiras; com as árvores floridas e rosas por toda a parte, a aldeia é um jardim deliciosamente enrelvado; sôbre a pene-

dia do leito, as águas do ribeiro cobrem-se de laminações prateadas; as aves parece que voam com mais graça e cantam com mais frescura ao ritmo da corrente que, há tantos e tantos anos embala o sono da boa gente da aldeia... Ecoa ao perto e ao longe a voz inspirada do Salmista incitando as almas e as coisas a bendizer o Senhor.

Felizes os que regressam à sua terra natal com os mesmos olhos, o mesmo coração e a mesma fé! Sobretudo com a fé, que de lá levaram um dia, e que a cidade, num plano tão diferente, não conseguiu arrefecer ou, pior ainda, extinguir. Quando sucede o contrário, diz Jaufray, que se espalha pela alma toda uma tristeza sem fim... A terra, na tradição e na beleza, continua a ser a mesma, mas já não é verdadeiramente a nossa terra...

Quantas e quantas ausências têm esta explicação amarga e desoladora! A vida da pobre gente da aldeia tem sido este ano singularmente angustiosa e difícil. Quando não há pão na arca, até o lume do lar aquece menos...

O milho, que é a base da alimentação neste recanto da Beira, por ser pouco, atingiu rapidamente um preço alto, a pesar de diminuir cada vez mais o poder de compra pela fal-

(Continua na 2.ª pág.)

JACINTA

é revelação da mais linda alma de criança, que na nossa terra viu a luz do dia.

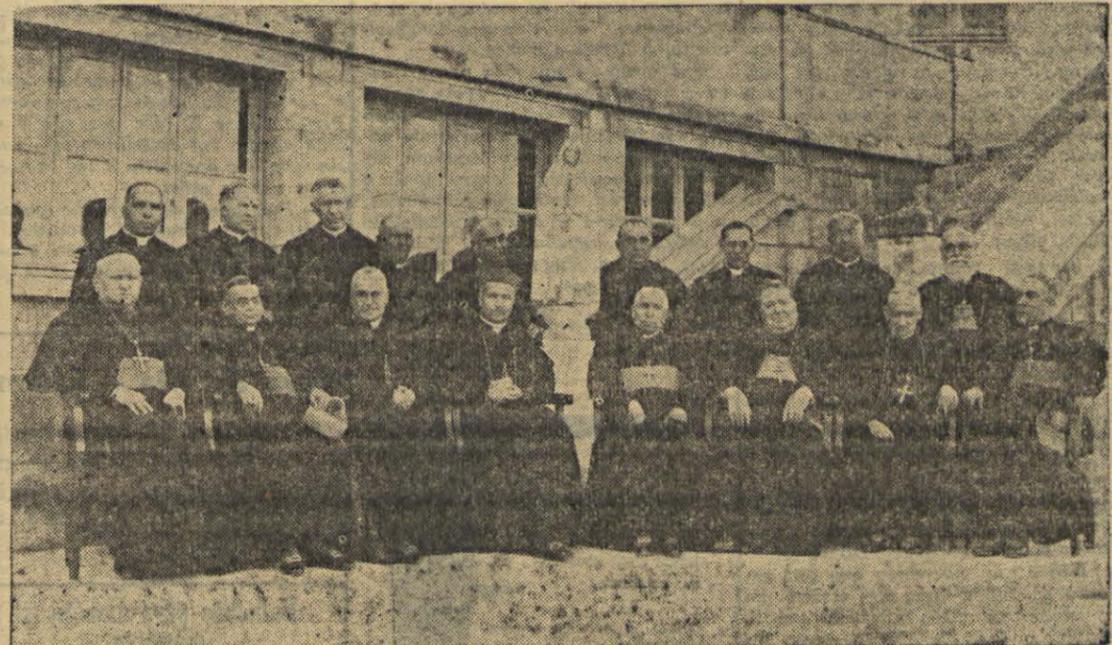
Já se venderam num ano 8.000 exemplares.

Leve-a do santuário ou peça-a à Gráfica — Leiria ou ao Santuário da Fátima — Cova da Iria — Vila Nova de Ourém.

Preço 5\$00 — Pelo correio 6\$00

A melhor lembrança da Fátima é uma estampa de Nossa Senhora

A venda nas CASAS DO SANTUÁRIO



Sua Eminência Reverendíssima o Senhor Cardinal Patriarca e Suas Ex.ªs Rev.ªs os Senhores Arcebispos e Bispos de Portugal, que acabam de fazer em Fátima os seus exercícios espirituais.

Visconde de Montelo

O Protestantismo

Fundada a nova religião, sobre a pedra angular do orgulho, logo nela foi cravado o estigma denunciador do erro: a divisão. Assim, tão visivelmente marcada, não pode confundir-se com a verdadeira, que deve ser UNIA.

Como um flagelo, a desunião irrompeu, e várias seitas, com novos cheias à frente, emancipavam-se, odiavam-se e contradiziam-se em pontos de doutrina dos mais importantes.

E a confusão e a rebeldia eram tão flagrantes que, já em 1525, pouco tempo depois do início da Reforma, Lutero, o próprio fundador e mestre, bradava atônito: *«há quasi tantas crenças, quantas cabeças. Um não quer o baptismo (!) outro rejeita o Sacramento do Altar (!)»*

Como se vê, o espírito do protestantismo dividia-se, precisamente, em pontos de Fé que são base do cristianismo. Um célebre pastor reformado desabafava, também, mais tarde: *«pode afirmar-se que não há um só ponto de doutrina que uns aceitem e outros respeitem»*.

Os mais ilustres e sinceros protestantes confessam amargamente a absoluta falta de unidade que, logo ao nascer, marcou o protestantismo com o seu miserável ferrete. O ilustre professor De Wette disse-o publicamente: *«a comunidade protestante não pode mais mostrar a unidade exterior que mostra a Igreja Católica; ao contrário, apresenta o triste espectáculo de uma mistura deformada e dum misticismo de cores»*. (No jornal «O Protestant» 1828). Mas não é só exteriormente que ela se mostra dividida. São os grandes protestantes que o afirmam: *«confessamos-lo sinceramente: a nossa igreja, assim como exteriormente aparece dividida em partes e partículas sem número, assim também interiormente, nos seus princípios religiosos e nas suas doutrinas fundamentais, se mostra multiplicada e despedaçada»*. (P. M. Kempff, pastor evangélico e C. G. Ulrich, escritor — Jornal Teológico de Fulda; 1835).

Não se apresentam aqui depoimentos de católicos, ou de protestantes indiferentes. Não! São palavras de reformados sinceros e praticantes, de pastores, etc.

O conselheiro consistorial, dr. Plank, homem de boa fé e muito piedoso, fez com amargura esta conclusiva confissão, que bastava para mostrar a falsidade do protestantismo a todos os protestantes. *«não temos Igreja, mas igrejas»*. (Estado presente do Protestantismo e do Catholicismo; edição. 1816). E ele exclama assim por saber bem que há UMA SÓ Igreja fundada por Jesus Cristo, sobre e sob Pedro: *«tu és pedra e sobre esta pedra edificarei a MINHA IGREJA (e não as minhas) e as portas do inferno não prevalecerão contra ela»*.

Século a século, encontramos a mesma amarga confissão feita pelos adeptos mais representativos da Reforma. E célebre a significativa afirmação duma respeitável autoridade sobre a divisão e contradição do protestantismo: *«as doutrinas que estão sendo geralmente professadas por todos (os protestantes) podem escrever-se sobre a unha dum dedão!»* (Liv. Simbol. Calvino e Lutero. Edição. 1830).

Também vemos, pelo rodar dos tempos, os esforços, sempre inúteis, vae várias seitas e alguns pastores isolados, têm feito para se unirem reconhecendo e proclamando a necessidade da união.

Qual a razão de tão tristes clamores e de tais esforços?! Não é por saberem, sem a menor dúvida, que, na verdade, há uma Igreja Cristã — mas só UMA! — depositária exclusiva da doutrina e dos méritos do seu fundador e do encargo de os transmitir a toda a Humanidade?! Não é por saberem o que está escrito na Bíblia (que eles trazem dia e noite na mão) afirmado por S. Paulo, o Vaso de Eleição, como lhe chamou Jesus, e pela Igreja Católica há 20 séculos: *«Não há senão UM SÓ DEUS, UMA SÓ FÉ e UM SÓ BAPTISMO»*?!

E também a Bíblia que afirma a palavra de Jesus: *«UM SÓ REBANHO e um só Pastor»*.

E ela ainda que prega não estar Cristo dividido, e que os seus discípulos formam, perfeitamente unidos, *«Um só corpo, do qual o Salvador é a cabeça»*.

E como O Protestantismo sabe bem tudo isto, solta clamores amargos e agita-se, de tempos a tempos, sempre sem resultado, porque não pode negar que dividiu Cristo, retalhando a unidade do seu Corpo místico, prega doutrinas diferentes e contraditórias, e aceita e rejeita o Baptismo, ao mesmo tempo! Portanto, é precisamente o contrário, sendo como é, da verdadeira Igreja de Jesus.

Um cristianismo dividido é a formal negação da vontade, da palavra, da intenção de N. S. Jesus Cristo.

Vejamos: pouco antes de ser suplicado, o Senhor falando aos Apóstolos, como a despedir-se deles, deu-lhes as suas últimas instruções, os seus últimos ensinamentos pessoais; esclareceu-os, confirmou-os em certos pontos de doutrina e, como nunca, mostrou-lhes tão íntima e claramente o seu pensamento, que arrancou aquela viva exclamação dos seus amigos e servos: *«eis que agora falas claramente e não usas de nenhuma parábola! Agora conhecemos que sabes tudo... por isto cremos que saíste de Deus»*. Previu-os ainda sobre as tribulações que sofreriam, mandou-os confiar sempre e, tocado, de-certo, pela ternura daquela hora melancólica, aconchegou-os a si, uniu-os antecipadamente, e sagrou esse momento e essa intenção orando, solenemente e em público, pela Unidade dos seus: *«Pai Santo guarda em Teu Nome aqueles que me deste, para que SEJAM UM assim como Nós»*. Mas, falando mais claramente, reforça e completa: *«Eu não rogo somente por eles (os Apóstolos) mas também por aqueles que hão-de crer em Mim por meio da tua palavra, para que sejam TODOS UM como Tu pai o és em Mim e eu em Ti para que também eles sejam UM em Nós a-fim-de que o mundo creia que Tu me enviaste. Eu dei-lhes a glória que Tu me deste para que SEJAM UM, como Nós também somos Um. Eu neles e Tu em mim PARA QUE SEJAM CONSUMADOS NA UNIDADE»*.

Eis o pensamento do Senhor insistentemente destacado e apontado com absoluta e grandiosa clareza! Os que pregam, ensinam, e guardam a sua doutrina; e os que a recebem e a praticam, formarão um SÓ CORPO, serão apenas UM, tão unidos e identificados, fundidos e consumados em tão absoluta UNIDADE, que essa união se assemelhará à prodigiosa e integral união do Pai com o Filho!

E, Unidade de doutrina, de espírito, de acção, de culto, de disciplina, só a possui, no mundo inteiro, plenamente, visivelmente, inequivocamente, a Igreja Católica.

O Protestantismo, ante a sua divina e magnífica União — pela qual o Mestre orou! — é apenas a triste mistura deformada e o montão de cores de que fala o protestante De Wette, ao confessar a fragmentação e a contradição das igrejas reformadas, e a admirável e única Unidade do Catholicismo, espalhado por todas as raças, nações, línguas, mentalidades, as mais diversas.

Maria das Flores

O vinho do Porto encerra vida, porque tem vivas energias concentradas. Tomar «porto» é ganhar forças para as lutas da existência.

«porto» é deliciosa e energética bebida que, não sendo tomada em excesso, desperta a memória, aviva a inteligência, distrai o espirito



Religião como o sal...

— Parece impossível, senhora Marta, não deixar entrar a sua filha na Acção Católica, como ela lhe pede! — Olhe, senhora Rita, ninguém mais amiga de ir e mandar à igreja do que eu; mas só quando a Santa Madre Igreja ordena, a missa quando se pode e confessar-se uma vez por ano. Isto de religião, como o sal: nem de mais nem de menos. Tudo o resto é beatério.

— Pois minha cara amiga, essa é que lhe digo eu que nem é religião nem é nada. Religião só a meias não agrada a Deus.

— Estava agora morrendo por ver andar as minhas filhas, como essas de blusa azul, a confessar-se todas as semanas e a ensinar o credo a quantos melcateses há por esse mundo...

— E porque não? Se nós temos verdadeiro apêgo pela verdade da nossa fé, devemos ensiná-la àqueles que a não conhecem.

E uma grande obra de caridade. O pão do espírito também é esmolta e às vezes maior do que a do corpo, cu entã a senhora não tem crença...

— Ora essa?... O que eu digo é que não é preciso tanto para a gente se salvar.

— Não seria, não, se nós tivéssemos nascido santos.

Mas há em nós muita soma de maldade que corrigir, muita má inclinação que contrariar. Justo só Deus... Ovi dizer muitas vezes a minha mãe que todos nascemos como o tojo, com os bicos apontados. Não podemos apresentar a Deus só espinhos. Temos de trabalhar pela salvação com a sua ajuda: «Sem mim, foi Ele quem o disse, não podéis fazer nada». E olhe que Deus lê no fundo das consciências.

— Sabe, senhora Rita, não criei a minha filha para rosa de altar. Isto é falar-lhe com toda a franqueza: quero que ela se case e seja feliz. Se começa a andar de igreja em igreja não tardarão os padres a meter-lhe na cabeça que vá para freira e eu antes queria morrer.

— Ora!... Antes criá-las para Deus do que para a desgraça.

— Mas não se goza a gente delas...

— Pois sim; mas nós não somos senhores dos filhos. Dá-os Deus quando Ele quer e vem-os buscar quando lhe apraz. Vá lá a gente revoltar-se!

Se às vezes ele escolhe um em especial para si devemos ficar todas babadinhas com a predilecção e a confiança.

— Crede! — Crede! — nem pensar nisso.

— Depois, veja, é uma asneira julgar que o serem piedosos e boas é meio caminho para o convento. Para lá só vão as que Deus chama. O matrimónio também é uma vida santa, é um sacramento instituído por Nosso Senhor, o Grande Sacramento, como lhe chama o Espírito Santo, é uma vida santa para a qual as nossas filhas se têm de preparar de alma e corpo como quem vai comungar. Perfeitamente. E olhe que não é na vida aiçada, em divertimentos e danças que elas aprendem a ser boas esposas e boas mães.

— Pois sim, mas bem sabe que são raparigas e precisam de divertir-se. A gente já as não pode prender à perna da mesa como quando eram pequenadas.

VOZ DA FATIMA Palavras mansas

Despesa	
Transporte	1.796.836\$48
Franquias, emb. transportes do n.º 199 ...	4.493\$40
Papel, com. e imp. do n.º 199 (363.288 ex.)	16.481\$05
Na administração ...	535\$00
Total	1.818.373\$93

Donativos desde 15\$00

Luis Ricardo Correia — Lisboa, 30\$00; P.º Lucas Machado — Cabo Verde, 100\$00; Serafina Soares — Califórnia, 2 dólares; José Albano Pimentel — Bermuda, 2 libras; José Francisco — Brasil, 15\$00; José Pires — Monção, 30\$00; Laura Quarresa — Pôrto, 20\$00; José Baptista & C.º — Açores, 20\$00; Damião Sousa — Açores, 20\$00; Maria Isabel Russo — Cabeço de Vide, 52\$00; João dos Santos — Aveiro, 20\$00; Amélia dos Santos Fonseca — Merceana, 50\$00; Isabel Costa Pereira — Lisboa, 20\$00; Joaquina Concelção Duarte — Obidos, 110\$00; dr. João Canavarro — Santarém, 20\$00; Regina de Lemos — Estoril, 20\$00; por intermédio de Ana Ribeiro — Meca, 46\$50; Elisa Pinho — Foz do Douro, 20\$00; José Sampaio — Louzada, 20\$00; José F. Lima — Mascoteles, 20\$00; Marcelino Jacinto — Lisboa, 15\$00; José Jacinto — Lisboa, 15\$00; José J. Pinto — Pôrto, 20\$00; Luís G. Leitão — Pôrto, 20\$00; Catarina Bugalho — Elvas, 20\$00; M.º Martins da Silva — Senhora da Hora, 50\$00; Concelção Caupers — Lisboa, 15\$20; Maria Izaura — Faro, 20\$00; Adelaid de Goulart — América, 1 dólar; António Moniz — América, 1 dólar; M.º G. Medeiros — América, 1 dólar; Fr. Nuno de Lima — Lisboa, 50\$00; Ana Potes Glão — Évora, 20\$00; Maria da Purificação — Lisboa, 20\$00.

— E a senhora não sabe que lágrimas não custam essas liberdadinhas às vezes?

— Mas se elas se não mostram quem é que as procura?

— Ora, homens sérios se elas o forem.

Isto, salvo seja, rês muito feirada é rês rejeitada. Os rapazes gostam de divertir-se com as loucas mas não as querem para mulheres. E, desculpe que lho diga, as mães tontas são muitas vezes as culpadas da infelicidade das filhas.

— Eu é que não quero responsabilidades. Que vá, que vá!

— Ora pois!... Agora estou a achar-lhe razão.

Este número foi visado pela Censura

Correio Pinto

TIRAGEM DA «VOZ DA FATIMA» no mês de abril

Algarve	5.561
Angra	20.259
Aveiro	6.310
Beja	3.699
Braga	86.801
Bragança	14.656
Coimbra	14.464
Évora	5.269
Funchal	18.894
Guarda	22.638
Lamego	12.820
Leiria	15.709
Lisboa	11.777
Portalegre	10.966
Pôrto	56.632
Vila Real	29.175
Viscu	10.217
Total	345.847
Estrangeiro	3.728
Diversos	13.813
Total	363.388

COXO DEVIDO A DORES NAS PERNAS

Um professor de ginástica quasi paralítico

Se o reumatismo inutilizou os seus braços e pernas, tornando-lhe a vida uma verdadeira miséria, leia a história deste homem e veja como também se pode pôr bom.

Era professor de natação e de ginástica mas, nos começos de 1939, teve dores agudas e violentas nas pernas. Pela manhã, durante 3 a 4 horas, era-lhe impossível dar um passo. Massagens, pílulas, pomadas, não lhe davam o menor resultado e já tinha gasto rios de dinheiro. Houve alguém que lhe aconselhou a experimentar Kruschen. Desesperado, comprou um frasco e, depois de ter tomado menos de três quartas partes, melhorou extraordinariamente, sentindo-se já como antes de ter adoecido.

Kruschen restituiu-lhe a vida.

As dores reumáticas são devidas à acumulação do ácido úrico. Elimine este ácido e deixará de sofrer. É este resultado o que consegue, quem usa os Sais Kruschen que acabam com as terríveis dores reumáticas, limpando o sangue do terrível ácido úrico. Kruschen vende-se em todas as farmácias.

Cova da Iria — Fátima

Os vales de correio enviados para o Santuário devem ser dirigidos e pagáveis na estação telegrafo-postal da Cova da Iria-Fátima.

Bolachas para diabéticos

DIGESTIVA
Ótimo, também, para doentes convalescentes e pessoas fracas.
É um produto da Fábrica Confiança.
À VENDA EM TODA A PARTE
QUILO ESC. 24\$00

Velas de cêra

Com pavio quimicamente preparado, para consumo económico
Campo Mártires da Pátria, 108
PÓRTO
MIGUEL DE OLIVEIRA, SUCR.

Graças de Nossa Senhora da Fátima

NO CONTINENTE

Tuberculose pulmonar

D. Cécilia Augusta Sá Dias — Macedo de Cavaleiros — Pela presente venho, como prometi, a V. Ex.ª Rev.ª como a mais humilde das servas, enviar a V. Ex.ª Rev.ª, o relato sob as fases da minha doença e cura. Encontrando-me na cidade do Porto, onde costumava passar todos os anos em casa da Ex.ª Médica D. Maria Pais Moreira uma temporada a tomar banhos, aí fui acometida duma violenta e grave doença que me prostrou por largo tempo alarmando profundamente a minha família. Principiou a mesma por uma violenta hemoptise seguida de muita tosse, suores, pontada do lado esquerdo, e quasi sempre temperatura e algumas vezes espectoração sangüinolenta. Como V. Ex.ª Rev.ª pode calcular, fiquei num estado desolador quasi sem esperança de me salvar. Recorri à ciência humana, sendo aconselhada pela distinta médica Ex.ª sr.ª D. Maria Pais Moreira a fazer uma análise ao escarro, que ela se encarregou de mandar fazer; e como acusou bacilos, fui logo acompanhada pela mesma senhora ao consultório do sr. dr. Roberto Carvalho, onde fui radiografada, acusando a mesma algumas cavernas no pulmão esquerdo, e tendo consultado mais alguns especialistas todos me deram como irremediavelmente perdida; Com as esperanças perdidas na ciência dos homens, recorri com toda a minha alma à Virgem N.ª S.ª da Fátima, entreguel-me toda a ela, depositel pela o meu coração e confiança na minha Mãe do Céu, fui para Macedo de Cavaleiros, entregando-me ao meu médico assistente, senhor dr. Amadeu Pires Peito. Na primeira observação feita por este senhor obtive um raião de esperança que me dizia, que me havia de salvar. Pois este distintíssimo médico empregou todos os esforços para me salvar. Desde então N.ª S.ª da Fátima ouviu as minhas súplicas. Comecei a melhorar súbitamente, até que, passados 18 meses encontrava-me completamente curada e o meu Ex.ª médico assistente me deu também como curada; e para melhor confirmação dirigi-me novamente ao Porto onde consultei a distinta médica Ex.ª sr.ª D. Maria Pais Moreira, que me deu também como curada. Depois consultei o Ex.ª sr. dr. Carteador Mena e, a conselho seu, fui radiografada novamente. O exame da radiografia feito pelo Ex.ª sr. dr. Sena Cabral acusou então completamente cicatrizadas as cavernas, e dessa maneira confirmaram a opinião do meu Ex.ª médico de Macedo, que me encontrava radicalmente curada. Resolvi ir pessoalmente com minha mãe no dia 13 de setembro último agradecer a N.ª S.ª da Fátima tão grande graça de que fui alvo, e de que não sou merecedora. Como indigna pecadora, que sou não me cansarei de agradecer a N.ª S.ª enquanto existir na terra.

Junto o atestado passado pelo próprio médico que me tratou, Ex.ª sr. doutor Amadeu Pires Peito.

Resumo do estado, enquanto doente, de D. Cécilia Augusta Sá Dias, de Macedo de Cavaleiros:

Apresentava como sintomas subjectivos, astenia, anorexia, tosse, às vezes bastante violenta com expectoração sangüinolenta, chegando a ter algumas hemoptises, suores nocturnos, temperatura que muitas vezes era de 38° e 38,5° emmagrecimento e dores nas costas.

A auscultação notava-se nos vértices, e principalmente no esquerdo, inspiração soprada e expiração prolongada, sinal de Bacelli e nas bases, principalmente do pulmão esquerdo, a respiração diminuída e rude, sonoridade diminuída.

A radiografia mostrava uma infiltração bacilar nos dois pulmões, principalmente do esquerdo, existindo neste e no vértice uma pequena caverna.

Estado actual: Encontra-se clinicamente curada, controlada a cura, pela radiografia.

Amadeu Pires Peito

GRAÇAS DIVERSAS

Uma cura na Fátima

Etelvina da Silva Ramos, natural de Alcanena e residente em Lisboa, estava paralítica havia oito anos. Mostrando um grande desejo de ir à Fátima foi-lhe proporcionada a ida de automóvel. Foi estendida e passou muito incomodada durante a viagem. Na ocasião da bênção do Santíssimo Sacramento sentiu uma forte impressão e pediu a Nossa Senhora que fizesse o que fosse melhor para a sua alma. Sentiu então que já podia mexer as pernas, ajoelhou amparada a duas pessoas; o Sr. Cardial Patriarca voltou a dar-lhe novamente a bênção.

Foi logo dali levada para o automóvel e ponde fazer o trajecto para Lisboa sentada; mas foi novamente para a cama. Poucos dias depois começou a andar de joelhos, a 13 de junho andou amparada e assim foi sentindo melhoras todos os dias 13, até que em outubro começou a sair; a 13 de fevereiro foi a Fátima já bem, agradecer a Nossa Senhora a cura.

Procurou-se agora no arquivo a história da sua doença. — Em 1930 entrou no hospital de S. José, ainda não paralítica para tratamento de rins.

Lê-se no seu boletim: Doença principal — Paraplegia. Tinha mais — diurexia — hematuria — dores nos rins. — Sofreu duma infecção intestinal e começou a ter dificuldade de urinar. — Grande dificuldade de andar. — Cefalgia. — O Coração — Sopro sistólico — foco metrol. — Hipertrofia.

Assim esteve no hospital 2 anos, piorando sempre, até que ficou completamente paralítica; as pernas hirtas. Saiu então a 5 de outubro 1932 — sem esperança de cura — e sem fazer tratamento, até que Nossa Senhora lhe fez esta grande graça de que ela se não julgava merecedora.

Tuberculose

Joaquim de Sousa Brandão — Arouca, diz ter tido uma sua filha completamente desenganada pelos médicos por estar tuberculosa em extremo grau esperando-se a cada passo a sua morte.

Neste estado ainda resolveu confiar o caso da sua cura, humanamente desesperada, a protecção de Nossa Senhora da Fátima a quem fez seus pedidos e suas promessas.

Passados apenas 15 dias a doente começou a sentir-se melhor, e passados três meses já foi capaz de ir a Fátima fazendo a pé o percurso entre Batalha e Fátima.

No Santuário sentiu-se muito bem, diz, voltando com óptimas disposições e julgando-se já completamente curada.

Bronquite

Alberto Nunes Correia — Covilhã, pede instantemente a seguinte publicação: — «Tendo minha filha Maria Amélia, de 10 anos apenas, adoecido com sintomas bem definidos de bronquite abdominal, revelada, não só pela auscultação que patenteava larga difusão de afeção bronquial como pela revelação bem frisante de um estado hepático manifestado na comissura dos lábios, narinas e faces, sintomas bem frisantes de qualquer perturbação intestinal de certa gravidade, o que bastante me alarmava por se estarem dando nesta região vários casos de infecções intestinais de carácter epidémico, cheio de receios, invoquei Nossa Senhora em favor da minha doentinha que, graças a Deus, começou a melhorar rapidamente desde que em seu favor solicitei a milagrosa intervenção de Nossa Senhora da Fátima. Hoje, goza já de boa saúde, alimentando-se com regular apetite. Por tal motivo

quero manifestar aqui o meu grande agradecimento a Nossa Senhora da Fátima que assim se dignou atender os meus rogos».

Amadeu Pires Peito

Úlcera no estômago

Em carta de 21 de Novembro de 1935, o Sr. António Maria Pereira da Silva — Vátiga — Ovar, diz o seguinte: — «Há quasi 3 anos que eu sofria horrivelmente de uma úlcera no estômago, diagnosticada por vários médicos desta região, do Porto e de Coimbra, e dada como certa pela radiografia. Apesar de ter observado fielmente várias dietas ordenadas pelos diversos clínicos que consultei, o meu estado era cada vez mais alarmante, inspirando de dia para dia sérios cuidados. Fui obrigado a submeter-me a uma intervenção cirúrgica em Agosto de 1933. Passados cerca de 15 dias depois da minha saída do hospital onde estive internado, comecei a piorar agravando-se muito o meu estado. O meu estômago nada consentia. O meu corpo tinha já aparência de cadáver. No meio de tais amarguras, tendo perdido a esperança nos remédios da terra, pedimos ao Céu, por intermédio de Nossa Senhora da Fátima, o remédio que tão ardentemente desejávamos. Efectivamente, ao cabo de dois meses, eu podia comer de tudo sem que o meu estômago se recusasse a receber qualquer espécie de alimento.

A radiografia já nada acusa em desabono da minha cura. Eu e minha família, profundamente agradecidos a Nossa Senhora da Fátima, aqui deixamos a manifestação pública da nossa alegria e gratidão».

D. Maria de Lourdes Faria — Setúbal, diz o seguinte: — «Tendo tido uma infecção num braço, infecção bem renitente a pesar de todos os cuidados do médico que me tratava, e condenada por último a uma operação, recorri com toda a fé a Nossa Senhora da Fátima começando uma novena em sua honra. O facto de a terminar a novena me encontrar totalmente curada, contra todas as expectativas, deixou-me tão maravilhada que, como prova do meu reconhecimento desejo fazer esta declaração para maior honra e glória de Nossa Senhora da Fátima».

D. Maria Casimira de Carvalho — Hospital de Fão, em carta de 27 de Novembro de 1935, diz o seguinte: — «Muito grata e reconhecida, desejo que na secção «Graças de Nossa Senhora da Fátima» seja publicada uma graça que de Nossa Senhora obtive.

No mês de Outubro de 1935 tendo uma pessoa muito querida gravemente enferma, levando todas as pessoas que a visitavam à persuasão de que não duraria já muito tempo, nesta grande aflicção, cheia de confiança recorri a Nossa Senhora da Fátima. Principiei uma novena e prometi comungar todos os dias durante ela e ainda mandar celebrar uma missa em acção de graças, caso obtivesse o que pedia.

Agora que a doentinha melhorou e já continua como dantes nos seus trabalhos domésticos, venho com todo o júbilo cumprir a minha promessa.

Aproveito a ocasião para dizer que muitas outras graças temporais tenho obtido por intermédio de Nossa Senhora. Bem dita seja a Mãe Santíssima que sempre me tem valido nas minhas aflições».

D. Laurinda da Silva Marques — Custóias — Matozinhos, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima a cura de sua filha Maria José que esteve gravemente doente e quasi desenganada pelos médicos.

A mãe diz ter prometido rezar todas as noites, à meia noite, o seu terço a Nossa Senhora da Fátima até que a filha obtivesse a saúde. À décima sétima noite a pequenita começou a sentir-se bem e, pouco depois, dizem, estava completamente curada

e restabelecida da sua grave enfermidade que a ia vitimando com grande mágoa para toda a família.

Joaquim Duarte, residente na Casa

Eranca dos Olivais de Coimbra, sofrendo de uma doença nervosa durante mais de dois anos, pediu devotamente a Nossa Senhora da Fátima a cura do seu sofrimento.

Encontrando-se presentemente restabelecido desse mal vem agradecer a Nossa Senhora a grande graça que lhe concedeu.

NO BRASIL

Recife, 21 de Março de 1939

Padre Luciano Sérgio Lopes Ribeiro, S. J. — Em Dezembro último, Deus Nosso Senhor permitiu-me sofrer, por seu amor, umas fortes dores de ouvido.

Tratei-me com um especialista durante um mês aproximadamente.

Não sentia melhoras notáveis e o tratamento era dolorosíssimo. Cheguei a estar mouro de todo. Em Janeiro, tendo de viajar para o Ceará e encontrando-me ainda em tratamento e, com dores, fui entender-me com o médico a este respeito.

A última palavra do especialista foi: «Padre, o senhor tem o tímpano

levemente perfurado; mas o senhor tenha a certeza que tímpano roto segundo um especialista francês, não é surdez».

São assim os homens...

As dores continuavam e eu vi a impotência humana na minha cura. Recorri, pois, confiadamente à poderosíssima enfermeira celestial, Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

A Rev.ª Madre Superiora do Colégio de Nossa Senhora de Pompeia, juntamente com umas inocentes criancinhas do Colégio, me ajudaram a fazer a Novena a Nossa Senhora da Fátima.

A 4 de Janeiro começámos a Novena e logo no dia 7 já não senti dores. Estava curado! Até a ressonância do tic-tac do meu relógio de bolso eu percebia.

Que a publicação desta graça sirva de incentivo às almas indiferentes que julgam só pelo que vêem e morfam do sobrenatural.

Como testemunho da minha enfermidade pedi ao Ex.ª Sr. dr. Médica uma declaração que passo a transcrever:

«Atesto que o Sr. Padre Luciano Sérgio Lopes Ribeiro, S. J., esteve aos meus cuidados com uma otite média aguda supurada».

Recife, 13-3-1939

Dr. J. de Andrade Médico

ÀS MÃIS

A tentação da Capital

Domingo de Ramos partia para férias. A alegria de rever a família diminuía o tédio da viagem. E para matar o tempo e me defender da solidão que o constante triplicar do combóio favorece, ora procuro ver o que vai pelo mundo através das colunas dum jornal, ora me destralo a observar os meus companheiros de viagem e a tentar fazer um rápido estudo psicológico através das suas palavras, da sua fisionomia e das suas atitudes.

Uma breve paragem numa estação insignificante da Beira Baixa. Três passageiros entram precipitadamente, pois a demora é pouca, e procuram instalar-se. Novo material para o meu estudo. Uma garotita que aparenta os seus 12 anos, acompanhada duma velha e dum camponez, que eu julguei a princípio fossem a avó e o pai dela. Enganaram-se porém...

O homem depois de ter atabalhoadamente instalado a bagagem da pequena disse-lhe um seco «adeus e boa viagem» e saiu sem a ter beliado. Nublaram-se de lágrimas os olhos da pequenita que nada respondeu. A velhota saiu na estação seguinte a pequena então interrogada por uma senhora que lá perto dela conta a sua breve história.

Tem 10 anos. Tem pai e mãe vivos e um irmãozinho. São pobres, mas não miseráveis. Ela nunca saíra do seu lugarejo nem nunca tinha visto o combóio e agora lá para Lisboa servir como criada para casa de gente conhecida que a esperam na estação do Rocio onde deve chegar por volta da meia noite. Nem sequer vai recomendada ao revisor.

Invade-me um inenunciado dó pela pobre criança, que tem todavia um ar desenvolto e pouco intimidado para as circunstâncias, e uma multidão de tristes considerações me assalta.

Chocava-me a frieza e indiferença dos pais que não fizeram o sacrificio de acompanhar a filha ao menos até à estação, embora distante, do seu lugarejo. Impressionava-me a sua avidez e ambição que pela miragem de algum dinheiro que a pequenita possa ganhar e dos modos e traças cidadinos, que sem dúvida val aquirir, vão lançar a filha no ambiente perigoso da capital onde talvez a perdição a espreite. Fazia-me triste a alegria da pequenita que

transparecia nos seus belos e rasgados olhos castanhos que brilhavam e se animavam de curiosidade à vista de tudo o que a rodeava e com a perspectiva das maravilhas da cidade que alguém rapidamente lhe enumerava.

E perguntava a mim mesma o que seria feito, daqui a alguns anos, da candura que se adivinhava no olhar inteligente e vivo da criança, da cor sábia e rosada do seu rostozinho angelical, da pureza daquela alma não manchada ainda, do riso cristalino e musical que francamente voltava quando lhe diziam que ela era como a «Maria Papoila» e que só lhe faltava uma cesta enfiada no braço com uma galinha dentro.

Entretanto os passageiros vão saindo nas sucessivas estações. Ficámos quasi sós. Aproximo-me dela e faço-lhe um inquérito mais íntimo e minucioso a respeito da família e da casa para onde vai servir. As respostas não são muito de molde a serenar as minhas apreensões.

«Já fizeste a primeira Comunhão?» pergunto ainda.

— Já sim, senhora.

— E este ano, já te desobrigaste?

— Ainda não. Lá em Lisboa...

— Se te deixarem... Escuta, pequenita: em Lisboa há muita coisa linda, mas também há por lá muito mal; é preciso pois acautelares-te. Tu sabes rezar. Promete-me, ao menos, que nunca te esquecerás de dizer de manhã e à noite 3 Ave Marias a Nossa Senhora para que te guarde sempre de todos os perigos.

Aproxima-se o fim da minha viagem e tenho pois de a deixar. Quasi instintivamente beijo a fronte pura da pequenita pedindo intimamente à Virgem que a protegesse e amparasse sempre.

Mães que viveis no ambiente remansoso e calmo das vossas aldeias, deixai que as vossas filhas se criem e vivam junto de vós, amparadas pelos vossos carinhos e vigilância maternais e não permitais que, levadas pelo desejo de se assenhorearem, pela ambição e pelo luxo, elas vão ao acaso e sem amparo lançar-se no meio desconhecido e perigoso das cidades populosas onde tantas vezes perdem a sua dignidade.

A conversão de João Francisco

Manhã de primavera; manhã de domingo — radiosa, festiva; atavios nas almas e nos corpos. É o dia do Senhor. Te-lintam sinos. A aldeia parece mais branca, mais conchegada; os campos mais verdes e mais floridos.

Na casita de João Francisco só os quatro filhos mais novos saboreiam a saída para a Missa, lavados e penteados, esticados nos seus fatitos remendados mas limpinhos. Para Marianita, a mais velha, que ama muito a Nosso Senhor e que, de semana, manhazinha cedo, se escapa tantas vezes para a igreja a recebê-lo na Sagrada Comunhão, o domingo e o dia santo de guarda, é sempre, assim como para a pobre mãe, um dia de inquietações e de tristeza. João Francisco, que cada vez se entrega mais à bebida, não cumpre o preceito dominical — e menos ainda os restantes preceitos da Igreja — e se olha por vezes com indiferença a ida dos pequenos à Missa e à catequese, outro tanto não sucede em relação à mulher e a Marianita que, no seu dizer, aos doze anos, já deve também ter mais obrigações que devoções.

No entanto e como não há senão uma Missa na aldeia, ora uma ora outra lá têm conseguido, à custa de mais ou menos censuras ou motejos, acompanhar os pequenos.

Nessa manhã tinha sido resolvido entre ambas que fôsse a mãe, ficando Marianita para dar o alimôço ao pai que, para mais, sempre havia de querer almoçar pela hora da Missa. Com ela ficava hoje também um dos irmãos, um pouco adoentado.

De pé, junto da mesa, a pequena observava agora confrangida, que a garrafa all posta para refeição se esvasiara rapidamente.

— *Mais vinho...* pediu o homem com a fala já entaramelada. E como a filha não movesse senão os lábios como para um protesto ou uma súplica, ergueu-se e foi ao armário husear outra garrafa.

Marianita então animou-se e estendeu a mão.

— *Não beba mais, paisinho... não vê que lhe faz mal?*

Tremendo, poisou as mãos juntas sobre a garrafa que João Francisco largara na borda da mesa. Mas os olhos do pai dilataram-se chamejantes; Marianita tem medo e recua num gesto tão brusco que a garrafa rola pela mesa, cal no chão ladrilhado e faz-se em pedaços.

Rubro e fremente de cólera o homem levanta o braço numa ameaça terrível. Por um momento é apenas uma ameaça: o rosto angélico na sua frente, pálido e suplicante, detém-lhe o movimento... Mas não; fechando os olhos como se temesse que a vista impedisse o seu intento, empurrou a criança que foi cair sobre os fragmentos da garrafa.

Aos gritos do irmãozinho acode a mãe que acabava de entrar no dário e vem erguer a peque-

na com o rosto e as mãos golpeadas, toda manchada de sangue e de vinho.

Como louco, João Francisco sai pela porta fora.

— *Não beba mais, compadre... olhe que lhe faz mal!*

O ganho do vinho era, com o magro salário do marido, o pão dos sete filhos, mas que importava? O que a boa sr.^a Marta da «venda da Fonte» punha neste momento à frente de tudo era a lembrança de outra mãe, quasi tão rodeada de filhinhos como ela, e que nem sequer podia contar com o salário do marido do qual uma larga parte ficava sempre pelas tabernas.

— *Também esta...* resmungou o homem. *Pois se não quere que eu beba mais o pior é para vocecê. Para mim tanto monta bebê-lo aqui como noutra banda... É o que falta por aí...*

— *Não se agaste, compadre... Ora oiça cá! Manel, disse para o filho mais velho, avia-me ali aquelas cachopas!*

E a sr.^a Marta, cruzando os braços sob o avental, veio resolutamente pôr-se na frente de João Francisco que despejara já quatro copos pela garganta cada vez mais seca e reclamava o quinto.

— *E que tem cá com a minha vida?* interrogou de má sombra.

— *Tenho que vocecê é meu compadre — já lhe levei, mais o meu homem, dois filhos à pia baptismal — e não posso levar à paciência que uma pessoa ande assim a dar cabo da saúde da alma e do corpo. E fique sabendo que, ainda que me não fôsse nada, como acontece aqui com outros, não me calava; havia de fazer a minha obrigação e dizer-lhe: homem de Deus, tenha ao menos dó de si já que o não tem da sua mulher e dos pobres filhinhos. E agora faça o que quiser! Mas aqui mando eu e aqui não bebe mais. Antes ter uma côdea a menos — e Deus sabe se elas abundam cá em casa — do que ganhá-la à custa dum corpo que se arruína e duma alma que se mete no inferno. Entendeu?*

— *O que entendo é que me põe na rua,* murmurou o homem tentando levantar-se.

Mas já no coração da excelente mulher a compaixão substituíra a indignação que dela se apossara.

— *Não, compadre, nesse estado não o ponho na rua que é uma vergonha ir pôr aí fora aos bordos... São horas de fechar a loja, o meu homem está a chegar... Fique connosco, amanha-se-lhe aí uma cama.*

E baixinho mandava um dos garotos avisar a mulher para que o não esperasse.

Pouco depois, confortado com uma malga de sopa que fôra jantar e ceia, visto que o desagrado vagueara todo o dia sem coragem de tornar a encarar a filha, a um canto da cozinha, João Francisco cerrava os olhos

como se adormecesse, mas na verdade para pensar um pouco na sua vida e naquelas palavras

CRÓNICA FINANCEIRA

O problema da educação

Um esforçado jornalista português cujo vigor não esmorece com o avançar da idade, há muitas dezenas de anos que vem dizendo que todos os problemas nacionais dependem dum que por isso mesmo leva a primazia. Esse problema que condiciona todos os outros, é a educação. À medida que vamos caminhando em anos, nos imos convencendo de que na verdade assim é. A primeira coisa que há a fazer em Portugal, é educar os portugueses.

Diz o grande filósofo Bergson que «pôr um problema, é resolvê-lo», mas nem sempre assim é. Pôr um problema filosófico e resolvê-lo no campo da teoria, é talvez a mesma coisa; mas pôr um problema e resolvê-lo no campo da prática, são coisas muito diferentes.

A Igreja está resolvendo com surpreendente energia e êxito, o problema da educação religiosa em Portugal, a-pesar-da escassez de meios em que a deixaram os duas expolições que os Governos lhe fizeram em menos de um século. Com recursos materiais pequeníssimos, com pouquíssimo clero, a Igreja está fazendo em Portugal uma obra assombrosa de educação, não só religiosa, mas intelectual e única, verdadeiramente modelar e digna dos maiores encômios, e sobretudo digna de ser imitada pela burocracia do ensino oficial. A Igreja rompeu a marcha, foi a primeira a avançar e assim devia ser porque, se a educação tem em Portugal a primazia entre todos os problemas que neste momento se põem, por ser o fundamento de todos eles, a Religião é por sua vez o fundamento de toda a educação.

iradas da comadre que lhe vibravam ainda nos ouvidos: «uma alma que se mete no inferno»...

Porque se não ria ele hoje dessas cantigas como era seu costume?

Será por não poder também arredar dos olhos, a imagem ensangüentada da filha?

Será porque não pode deixar de comparar aquela família com a sua... Pobrinha, esta, também, mas tão diferente: os pais pacientes e bem dispostos, os filhos alegres e felizes...

Será agora porque todos se põem a rezar o têrço e no fim de cada dezena de Avé-Marias se fala com tanta certeza do «fogo do inferno» e das «almas do Purgatório»?

No dia seguinte a sr.^a Marta que se prezava de ser mais madrugadora que as galinhas, notava com espanto que não fôra a primeira a erguer-se: o compadre já tinha abalado. Mas a sua surpresa e em breve a de todo o povo da aldeia não ficava por all. João Francisco deixava de frequentar as tabernas e até nas visitas que fazia aos compadres da Fonte entrava e saía pela porta do quintal... João Francisco no domingo seguinte acompanhava à Missa a mulher e os filhos, perfilado a par da sua Marianita como se quisesse castigar-se, arrostando com o desprezo de todos por ter sido a causa dos ferimentos ainda mal cicatrizados na fronte e nas mãos da filha... João Francisco tornava-se um chefe de família exemplar... João Francisco estava bem decidido — e não o ocultava — a não deixar acabar o tempo pasçal sem ir a desobriga! E foi!

As vezes, uma palavra dita a tempo opera maravilhas...

M. J. F.

FALA UM MÉDICO

XXXVI

A TOSSE

No tempo do frio e da chuva, quando se junta muita gente, na igreja, na aula, na sala de espectáculos, quando uma pessoa começa a tossir, logo outras a imitam, daqui e dali, num côro desafinado e antipático. São frequentes, no inverno, as chamadas **constipações**, que não são mais que leves estados inflamatórios do aparelho respiratório (nariz, laringe, traqueia e brônquios).

Quando estão irritados esses canais, reagem por meio de acessos de tosse, que não são mais que movimentos desordenados de expiração.

A tosse pode ser útil, quando expelle mucosidades que se formem ao longo da árvore respiratória. Mas a maior parte das vezes são inúteis, e até prejudiciais os acessos de tosse.

Na tosse convulsa das crianças, doença epidémica, a que o povo dá o nome tão expressivo de **esgana**, é frequente os pobres doentinhos vomitarem tudo quanto têm no estômago, quando sobrevém o acesso.

E a tosse é por vezes tão brutal que pode originar uma hérnia e provocar até uma congestão cerebral.

A tosse é um acto reflexo; quere dizer, produz-se fora da intervenção da nossa vontade.

Mas, se quisermos, poderemos dominar a tosse.

Nos sanatórios, os médicos chegam a proibi-la e os pobres tuberculosos, com o esforço da sua vontade, acabam por obedecer ao médico, deixando de tossir.

Quando aconteça **constiparmo-nos**, enquanto não vem o médico devemos agasalhar-nos muito bem, mettendo-nos na cama, e tomar uns **cháinhos** de folhas de laranjeira, e tília ou de casca de limão, remédios caseiros que, às vezes, são suficientes para debelar as conseqüências dos resfriamentos.

P. L.

Quando precise dum jornal diário, o católico deve pedir sempre as «Novidades».

Pacheco Amorim

Programa da Peregrinação de Maio ao Santuário de N.^a S.^a da Fátima

DIA 12 — Durante o dia — Entrada das peregrinações — Confissões.

À noite — Recepção dos doentinhos no Hospital depois de observados pelos Senhores Médicos.

As 22 horas (10 horas da noite) — Têrço do Rosário seguido da Procissão das velas.

DIA 13 — Da meia noite às 2 horas da manhã — Adoração do Santíssimo Sacramento com práticas adequadas por Sua Ex.^{cia} Reverendíssima o Senhor Bispo do Pôrto. Horas de adoração das peregrinações que se inscreverem.

As 6 horas da manhã — Missa, Comunhão Geral e, em seguida Missas, Confissões.

As 12 horas (meio dia oficial) — Têrço junto da Capelinha das Aparições, seguido da Procissão com a imagem de Nossa Senhora. Missa dos doentes com alocação.

Bênção com o S.S.^{mo} Sacramento aos doentes e a todo o povo.

Procissão para reconduzir a imagem de Nossa Senhora.

OBSERVAÇÕES Aos Rev.^{dos} Sacerdotes:

a) Os Revs. Sacerdotes peregrinos gozam no Santuário de Nossa Senhora da Fátima as mesmas licenças e jurisdições que têm nas suas dioceses, rogando-se-lhes o favor de, quando não conhecidos, trazerem e mostrarem os seus documentos;

b) Os R. Sacerdotes têm no Santuário 50 altares para celebrarem a Santa Missa;

c) É uma grande caridade atenderem os fiéis no Santo Tribunal da Penitência e distribuírem a Sagrada Comunhão.

Aos Fiéis — Pede-se a todos os peregrinos que:

a) se confessem nas suas freguesias por ser impossível atender a todos na Fátima;

b) quando passarem por alguma igreja, visitem o S.S.^{mo} Sacramento;

c) tenham a maior caridade para com todos e especialmente para com os doentinhos.